

**Memória e poesia: revivendo momentos e eternizando o efêmero**

---

**letrônica**

---

Danielle Morais Generoso<sup>1</sup>**1 Fuga ao passado**

Na introdução de seu livro *Tudo que é sólido desmancha no ar*, Marshall Berman define que “ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor – mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos” (BERMAN, 2007, p. 24); assim encontra-se o homem moderno, fascinado por este novo mundo, que lhe oferece novas e variadas possibilidades, mas temeroso diante das transformações aceleradas dos valores, das pessoas, do mundo. Segundo Berman, a modernidade “nos despeja a todos num turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambiguidade e angústia. Ser moderno é fazer parte de um universo no qual, como disse Marx, 'tudo que é sólido desmancha no ar'” (BERMAN, 2007, p. 24).

Esta modernidade conflituosa, descrita por Berman, está enraizada em algumas poesias de Carlos Drummond de Andrade e de Cecília Meireles, as quais proponho analisar. Essas poesias estão marcadas por tensões, conflitos entre o homem e o mundo, descrenças, medos, essencialmente da passagem veloz do tempo que nos aproximaria da morte, que destruiria tudo o que fosse palpável e consumiria o que fosse sentimento. A este solitário homem, que vive uma espécie de solidão acompanhada no seu “novo espaço”, só restariam as lembranças de tudo o que viveu, por isso a sensação de perda o rodeia, tornando-o um ser nostálgico, preso ao passado, tentando – talvez – recuperar pessoas e momentos que se foram:

A solidão é niilista. Penso numa solidão total e secreta, de que a vida moderna parece guardar a fórmula, pois para senti-la não é preciso fugir para Goiás ou as cavernas. No formigamento das grandes cidades, entre os roncões dos motores e o barulho dos pés e das vozes, o homem pode ser invadido bruscamente por uma

---

1 Aluna do PPG Estudos Literários da Universidade Federal de Juiz de Fora

terrível solidão, que o paralisa e o priva de qualquer sentimento de fraternidade ou temor (Apud SANTIAGO, 1976, p. 123).

A efemeridade de tudo o quanto há no mundo, que foge ao controle deste ser que tomou ciência de si e de suas capacidades, é algo que o aflige constantemente e que o faz almejar uma apreensão do tempo, uma forma de reviver momentos, de fazê-los mais duradouros - se não eternos – de recuperar tudo o que seja possível de uma vida que no passado foi plena e que agora, no presente, tornar-se cada vez mais vazia. Talvez repovoá-la com as pessoas que lhe preenchiam no passado fosse a melhor forma de fugir da solidão em que se encontra. É para este jogo de ida e vinda do passado para o presente que o poeta usa a sua memória, pois é nesta em que está tudo o que deseja reencontrar, é ela que protege tudo o que ele viveu e não quer deixar que se perca; e na tentativa de perpetuá-la e, logo, a si próprio é que ele faz uso da linguagem, quer dizer, registra na escrita aquilo que julga importante demais para ser esquecido “Diante da inexorabilidade da destruição e da morte, volta-se o poeta para a linguagem, e é através dela, construindo poemas, que procura articular o mundo, alçando-o então à condição intemporal, e num só gesto o torna eterno e livre do contato com corrosão.” (SANTIAGO, 1976, p. 45). As palavras teriam o dom de superar a finitude, pois essas “não morrem, / Tão leves e cheias de eternidade” (MEIRELES, 1994, p. 1135) e, ao debruçar-se sobre essas, o indivíduo estaria em busca de controle sobre sua vida e sobre suas perdas, consequência da passagem do tempo, que não se pode controlar - “Devemos controlar as nossas vidas. Nada pode ser deixado ao acaso; devemos manter arquivos para recordar e tirar lições do passado, para preparar o futuro, mas sobretudo para existir no cotidiano” (ARTIÈRES, 1998, p. 14). A poesia seria, pois, o antídoto encontrado contra o efeito corrosivo do tempo, que tende a matar a experiência.

O poeta sabe que um dia irá morrer, mas deseja, ao menos, que seus sentimentos, expressos através da escrita, ecoem pelo tempo e continuem despertando em outras pessoas o que para ele um dia representaram, como cita Silviano Santiago sobre o livro *Drummond, O Gauche no Tempo*, de Affonso Romano de Sant'Anna, o poeta tem o “desejo de perpetuar a si mesmo 'numa obra que sobreviva ao seu corpo’” (SANTIAGO, 1976, p. 45).

Não podemos – ainda que sejamos induzidos a isso – acreditar que tudo o que o eu-lírico rememora é, de fato, o que viveu, pois nossa memória não é linear e, muitas vezes, é capaz de nos trair, de adicionar fatos que não vivemos e amputar outros que tenhamos vivido. Uma história, por exemplo, da qual acreditamos fazer parte, mas que na verdade nunca **Letrônica**, Porto Alegre v.3, n.1, p.269, jul. 2010.

vivemos, apenas a projetamos (inserimos) em nossa vida. Ou ainda fatos que, por um motivo ou outro, desejamos esquecer e que, por isso, tentamos desligá-los de nossa memória.

Mesmo que a memória, por um lado, seja capaz de revigorar esse homem solitário, que vive de suas lembranças, por outro lado ela pode lhe causar dor, pois ele tem consciência de que é uma realidade “virtual”, por mais que ele tente se jogar nesse universo recriado, seus pés estão presos em um presente que não lhe permite tamanha irracionalidade, como bem diz Silviano Santiago sobre *Boitempo* que “a infância só pode ser vista, agora, deste presente maduro e inquisitivo” (SANTIAGO, 1976, p. 44). Não há comunicação entre o eu-lírico e “os seus”, pois apesar da tentativa de recuperá-los, de ressuscitá-los, através de sua memória - “Ergue-se ele como **interpretação**, querendo dar significado existencial à letra morta, aos mortos de modo geral, pois a ele foi agora delegado o poder da palavra que ressuscita.” (SANTIAGO, 1976, p. 95) - essas pessoas são meras sombras de seu passado, havendo sempre uma lacuna que os manterão afastados, representada pelo espaço e pelo tempo distintos em que vivem

[...] Não se dão eles, enquanto objeto de conhecimento, nunca como seres de carne-e-osso, próximos e presentes, mas como 'meras sombras', como figuras que saltam de retratos, como atores representando situações estereotipadas ditadas por documentos, - todos os seus se encontram, em suma, reduzidos a figuras-em-linguagem, característica esta que passa a ser sua essência. (SANTIAGO, 1976, p. 82-83).

Os momentos, as pessoas, os sentimentos, tudo passou sem que o homem desse por sua falta, só depois de muito tempo, depois que atingiu a maturidade e tornou-se capaz de ver as coisas com um pouco mais de clareza, foi que o nostálgico homem percebeu como tudo aquilo era bom, por isso deseja recuperar quanto for possível de seu passado. Disse Drummond em uma de suas crônicas “Como foi que a infância passou e nós não vimos?” (Apud SANTIAGO, 1976, p. 51), e eu lhes digo: porque éramos jovens demais para nos darmos conta de que tudo era passageiro, de que o tempo corria veloz e de que aquilo que vivíamos era intenso e passível a saudade; as crianças têm a lúdica e gostosa sensação de que tudo vai durar para sempre.

## **2 Análise comparativa dos poemas**

Apresento-lhes, a seguir, a análise de alguns poemas de Carlos Drummond de Andrade e de Cecília Meireles, comparando a visão que apresentam sobre a memória, os quais me **Letrônica**, Porto Alegre v.3, n.1, p.270, jul. 2010.

servirão de argumento para a hipótese, acima levantada, sobre a composição memorialística.

### **Coleção de Cacos**

Carlos Drummond de Andrade

Já não coleciono selos. O mundo me  
inquizila.  
Tem países demais, geografias demais.  
Desisto.  
Nunca chegaria a ter álbum igual ao do  
Dr. Grisolia,  
orgulho da cidade.  
E toda gente coleciona  
os mesmos pedacinhos de papel.  
Agora coleciono cacos de louça  
quebrada há muito tempo.

Cacos novos não servem.  
Branco também não.  
Têm de ser coloridos e vetustos,  
desenterrados – faço questão – da horta.  
Guardo uma fortuna em rosinhas  
estilhaçadas,  
restos de flores não conhecidas.  
Tão pouco: só roxo não delineado,  
o carmezim absoluto,  
o verde não sabendo  
a que xícara serviu.  
Mas eu refaço a flor por sua cor,  
e é só minha tal flor, se a cor é minha  
no caco da tigela.

O caco vem da terra como fruto  
a me aguardar, segredo  
que morta cozinheira ali depôs  
para que um dia eu desvendasse.  
Lavar, lavar com mãos impacientes  
um ouro desprezado  
por todos da família. Bichos pequeninos  
fogem de revolvido lar subterrâneo.  
Vidros agressivos  
ferem os dedos, preço  
de descobrimento:  
a coleção e seu sinal de sangue;  
a coleção e seu risco de tétano;  
a coleção que nenhum outro imita.  
Escondo-a de José, por não ria  
nem jogue fora esse museu de sonho.

### **Memória**

Cecília Meireles  
A José Osório

Minha família anda longe,  
com trajos de circunstância:  
uns converteram-se em flores,  
outros em pedra, água, líquen;  
alguns, de tanta distância,

nem têm vestígios que indiquem  
uma certa orientação.  
Minha família anda longe,  
-na Terra, na Lua, em Marte-  
uns dançando pelos ares,  
outros perdidos no chão.

Tão longe a minha família!  
Tão dividida em pedaços!  
Um pedaço em cada parte...  
Pelos esquinas do tempo,  
brincam meus irmãos antigos:  
uns anjos, outros palhaços...  
Seus vultos de labareda  
rompem-se como retratos  
feitos de papel de seda.  
Vejo lábios, vejo braços,

-por um momento persigo-os;  
de repente, os mais exatos  
perdem a exatidão.  
Se falo, nada responde.  
Depois, tudo vira vento,  
e nem o meu pensamentos  
pode compreender por onde  
passaram nem onde estão.

Minha família anda longe.  
Mas eu sei reconhecê-la:  
um cílio dentro do oceano,  
um pulso sobre uma estrela,  
uma ruga num caminho  
caída como pulseira,  
um joelho em cima da espuma,  
um movimento sozinho  
aparecido na poeira...  
Mas tudo vai sem nenhuma  
noção de destino humano,  
de uma recordação.

Minha família anda longe.  
Reflete-se em minha vida,  
mas não acontece nada:  
por mais que eu esteja lembrada,  
ela se faz de esquecida:  
não há comunicação!  
Uns são nuvem, outros, lesma...  
Vejo as asas, sinto os passos  
de meus anjos e palhaços,  
numa ambígua trajetória  
de que sou o espelho e a história.  
Murmuro para mim mesma:  
“É tudo imaginação!”

Mas sei que tudo é memória...

Nos poemas *Coleção de Cacos*, de Drummond, e *Memória*, de Cecília Meireles, há

uma forte menção à memória em forma de *cacos*, de pequenos fragmentos que estão espalhados e que cabe ao poeta juntá-los, reorganizá-los, como um quebra-cabeça, a fim de reconstruir as figuras que esses representam. O eu-lírico, no poema de Drummond, diz que deseja colecionar “cacos coloridos e vetustos” (ANDRADE, 2001, p. 974), os quais podemos tomar como fragmentos da história de sua família, que foi levada com o passar do tempo - “Agora coleciono cacos de louça /quebrada há muito tempo” (ANDRADE 2001, p. 973) - o tempo passou e desfez aquele momento, levando consigo as pessoas que habitaram o seu passado, cuja imagem ele tenta reconstruir “Mas eu refaço a flor, se a cor é minha / no caco da tigela.” (ANDRADE, 2001, p. 974), desenterrando, assim, o seu pretérito, a sua história, através da memória - “Têm de ser coloridos e vetustos,/ desenterrados – faço questão – da horta.” (ANDRADE, 2001, p. 974). Da mesma forma, através da memória fragmentada, o eu-lírico de *Memória* tenta reconstruir a sua família, que encontra-se muito distante, muito dividida - “Tão longe, a minha família! / Tão dividida em pedaços! / Um pedaço em cada parte.../ Pelas esquinas do tempo [...]” (MEIRELES, 1999, p. 42-44) - que, assim como ocorre em *Coleção de Cacos*, foi retirada de seu convívio com o passar do tempo. Nesse segundo poema, *Memória*, é possível perceber o sentimento paradoxal, comentado no início deste artigo, de que o voltar ao passado, através da memória, pode causar no “homem nostálgico” tanto a felicidade por reviver os momentos passados, quanto a frustração por saber que se trata, apenas, de um mundo recriado - “Murmuro para mim mesma:/ 'É tudo imaginação!' / Mas sei que tudo é memória...”. (MEIRELES, 1999, p. 42-44).

### **Memória**

Carlos Drummond de Andrade

Amar o perdido  
deixa confundido  
este coração.

Nada pode o olvido  
contra o sem sentido  
apelo do Não.

As coisas tangíveis  
tornam-se insensíveis  
à palma da mão.

Mas as coisas findas,  
muito mais que lindas,  
essas ficarão.

### **5º Motivo da rosa**

Cecília Meireles

Antes do teu olhar, não era,  
nem será depois, - primavera.

Pois vivemos do que perdura,  
  
não do que fomos. Desse acaso  
do que foi visto e amado: - do prazo  
do Criador na criatura...  
  
Não sou eu, mas sim o perfume  
que em ti me conserva e resume  
o resto, que as horas consomem.  
  
Mas não chores, que no meu dia,  
há mais sonho e sabedoria  
que nos vagos séculos do homem.

Outro aspecto que pode ser apontado, agora nos poemas *Memória*, de Drummond, e no *5º Motivo da rosa*, de Cecília, é o fato de que o poeta busca, através de sua memória, não só reviver os momentos passados, mas também luta para eternizá-los, dizendo-nos que “as coisas tangíveis / tornam-se insensíveis / à palma da mão. / mas as coisas findas, / muito mais que lindas, / essas ficarão” (ANDRADE, 2001, p. 252-253) e que “[...] vivemos do que perdura” (MEIRELES, 1999, p. 79), das lembranças dos momentos vividos e das pessoas com quem convivemos, dos sentimentos despertados, do perfume que lembra a pessoa e que por isso a representa, essas são as “coisas findas, muito mais que lindas que ficarão” (ANDRADE, 2001, p. 253) guardadas para sempre, que perdurarão.

### **Tempo e Olfato**

Carlos Drummond de Andrade

Que me quer este perfume?  
Nem sequer lhe sei o nome.  
  
Sei que me invade a narina  
como incenso de novena.  
  
Que me passeia no corpo  
como os dedos tanger harpa.  
  
E me devolve ao pretérito  
e a um ser de larva, quimérico,  
  
ser que todo se esvaía  
pela porta dos sentidos,  
  
e do mundo, em que saltava,  
qual dum espelho lascivo,  
  
retirava a própria imagem  
na pura graça da origem...  
  
Cheiro de boca? de casa?  
De maresia? De rosa?

Todo o universo: hipocampo  
no mar celeste do Tempo.

**Canções**

**De que são feitos os dias?**

Cecília Meireles

- De pequenos desejos,  
vagarosas saudades,  
silenciosas lembranças.

Entre mágoas sombrias,  
momentâneos lampejos:  
vagas felicidades,  
inatuais esperanças.

De loucuras, de crimes,  
de pecados, de glórias,  
-do medo que encadeia  
todas essas mudanças.

Dentro deles vivemos,  
dentro deles choramos,  
em duros desenlaces  
e em sinistras alianças...

O poema *Tempo e Olfato*, de Drummond, remete-nos ao poder do *olfato* para despertar a memória, os cheiros que as vezes nem sabemos ao certo de quê, mas que nos causa saudade, devolve-nos ao passado, desperta-nos os outros sentidos do corpo - “Que me quer este perfume? / Nem sequer lhe sei o nome / [...] Que me passeia no corpo / como os dedos tangem harpa. / E me devolve ao pretérito” (ANDRADE, 2001, p. 325). Assim como os dias são feitos “de pequenos desejos, / vagarosas saudades, / silenciosas lembranças” (MEIRELES, 1999, p. 160) em *Canções De que são feitos os dias?*, de Cecília, quer dizer, os dias são compostos por lembranças de tudo o que já fora vivido pelas pessoas, assim o universo se constitui de tudo o quanto há na memória - “Todo o universo:hipocampo / no mar celeste do Tempo” (ANDRADE, 2001, p. 326); todo o universo é formado pela memória protegendo-se do passar devastador do tempo, que tende a levar tudo para o esquecimento.

**(In) Memória**

Carlos Drummond de Andrade

De cacos, de buracos  
de hiatos e de vácuos  
de elipses, psius  
faz-se, desfaz-se, faz-se  
uma incorpórea face,  
resumo de existido.

Apura-se o retrato



na mesma transparência:  
eliminando cara  
situação e trânsito  
subitamente vara  
o bloqueio da terra.

E chega àquele ponto  
onde é tudo moído  
no almofariz do ouro:  
uma europa, um museu,  
o projetado amar,  
o conclusivo silêncio.

### **Desenho**

Cecília Meireles

Traça a reta e a curva,  
a quebrada e a sinuosa  
Tudo é preciso.  
De tudo viverás.

Cuida com exatidão da perpendicular  
e das paralelas perfeitas.  
Com apurado rigor.  
Sem esquadro, sem nível, sem fio de prumo,  
traçarás perspectivas, projetarás estruturas.  
Número, ritmo, distância, dimensão.  
Tens teus olhos, o teu pulso, a tua memória.

Construirás os labirintos impermanentes  
que sucessivamente habitarás.

Todos os dias estarás refazendo o teu desenho.  
Não te fadigues logo. Tens trabalho para toda a vida.  
E nem para o teu sepulcro terás a medida certa.

Somos sempre um pouco menos do que pensávamos.  
Raramente, um pouco mais.

No poema (*In*) *Memória*, Drummond trabalha a construção da imagem da pessoa ausente através da memória, que “faz-se, desfaz-se, faz-se / uma incorpórea face, / resumo do existido.” (ANDRADE, 2001, p. 882); o retrato da pessoa vai sendo talhado pela memória, reconstituindo o que essa foi - “Apura-se o retrato” (ANDRADE, 2001, p. 882); mas ainda que o eu-lírico tente reconstruir a imagem exatamente como era no passado, isso não é possível, pois a memória é feita “de cacos, de buracos / de hiatos e de vácuos / de elipses, psius” (ANDRADE, 2001 p. 882), quer dizer, ela é fragmentada. Esse fato também pode ser visto, claramente, em *Desenho*, de Cecília, em que diz que para reconstruir a imagem da pessoa ausente, o seu desenho, “tens os teus olhos, o teu pulso, a tua memória” (MEIRELES, 1999, p. 182), os olhos para apreender a imagem da pessoa, que depois será refeita, com muito trabalho, pelo pulso e pela memória; e no mesmo sentido de (*In*) *Memória*

caminha este poema, *Desenho*, pois sugere que reconstruir a imagem exata da pessoa seja algo impossível, já que “somos sempre um pouco menos do que pensávamos / raramente, um pouco mais” (MEIRELES, 1999, p. 182), ou seja, mesmo com um trabalho de toda uma vida tentando traçar o nosso próprio desenho e o dos outros, sempre faltará algo que, por um motivo ou outro, não foi nem será revelado.

Um aspecto que não pode deixar de ser comentado e que serve como um argumento para o sentimento contraditório gerado pela memória: a felicidade de reviver momentos e ao mesmo tempo a tristeza por saber que são apenas recriações de um mundo passado; está presente nos poemas (*In*) *Memória*, de Drummond, e *Memória*, de Cecília, porque em ambos notamos uma frustração do eu-lírico que tem consciência de que sua memória, apesar de o levar ao encontro das pessoas que fizeram parte de seu passado, não possibilita uma comunicação, esse encontro é cercado por silêncio - “E chega àquele ponto / onde tudo é moído / no almofariz do ouro: / uma europa, um museu, / o projetado amar, / o conclusivo silêncio.” (ANDRADE, 2001, p. 882) ; “Minha família anda longe./ Reflete-se em minha vida, / mas não acontece nada: / por mais que eu esteja lembrada, / ela se faz de esquecida: / não há comunicação!” (MEIRELES, 1999, p. 182).

### **3 O eu-lírico, o leitor e o sentimento nostálgico**

O leitor ao deparar-se com poesias que relatam momentos passados, revividos naquele momento pelo poeta, através de sua memória, pode ser tomado por um sentimento nostálgico, por uma vontade de, assim com o eu-lírico, reviver seus momentos e reencontrar os seus, que lhe fazem falta – “Amar, depois de perder” (Apud SANTIAGO, 1976, p. 83); e assim pode ser transportado para o lugar longínquo de sua infância, quando pensava que tudo duraria para sempre e que, talvez, a felicidade estivesse na vida adulta; porém ao chegar na vida adulta crê que não viveu dias melhores do que em sua infância e adolescência. Como sabiamente já dizia Drummond “vinte anos é uma bela idade, mas tem o inconveniente de não se dar a conhecer senão depois que a perdemos. Para quem chega aos cinquenta, não há tempo mais doce; quando se tem vinte anos, é um inferno” (Apud SANTIAGO, 1976, p. 123).

Comparado com “Tempo e Olfato”, de *Viola de Bolso I*, “Coleção de Cacos”, publicado em *Boitempo*, apresenta uma emocionalidade mais contida, pois nessa fase o poeta encontra-se mais maduro, logo controla melhor as suas emoções, como podemos encontrar no ensaio *Notas sobre Boitempo* (I), de José Guilherme Merquior, que diz

**Letrônica**, Porto Alegre v.3, n.1, p.277, jul. 2010.

**Boitempo**, distanciamento olímpico da contemplação entregue ao ludismo do seu puro ver [...] é o intervalo de suspensão da problematidade da vida, a pausa de convivência sem tensão com as raízes mineiras erigidas em objeto de apaixonado drama existencial [...] Ele é a contraparte não-circunstancial da partitura bufa de **Viola de Bólso** (MERQUIOR, 1972, p. 53).

Mesmo contendo a emocionalidade, de certa forma, o poema remete o leitor ao desejo de retomada ao passado, expresso pelo poeta, ainda que ele, com toda a sua maturidade, saiba que trata-se de uma tarefa impossível, pois as coisas não podem voltar a ser exatamente como foram no passado. As pessoas que ele reencontra, através de suas lembranças, são reflexos de sua memória fragmentada, havendo sempre uma distância entre eles, havendo um constante silêncio - “não há comunicação!” (MEIRELES, 1999, p. 182) – pois essa vida “só é possível reinventada” (MEIRELES, 1994, p. 239).

José Guilherme Merquior, no capítulo *Natureza da lírica*, do livro *A astúcia da mímese*, trata de uma relação existente entre o eu-lírico e o leitor de um poema, segundo ele

no poema, a função mimética é projetada da dimensão dos universais para a dimensão dos particulares ficcionais – 'imaginados', sejam ou não fictícios. Mediante a representação não servil de particulares é que se busca transmitir significações de ressonância universal. Por uma espécie de *astúcia da mímese*, a representação do singular logra significado universal (MERQUIOR, 1972, p. 22).

quer dizer, os sentimentos do eu-lírico, suas dores, saudades, lembranças, trazem significações para a vida do leitor e representa a sua própria voz. Daí a possível explicação para o sentimento de nostalgia gerado no leitor, consequência da nostalgia cantada pelo poeta. Merquior define o poema como

uma espécie de mensagem verbal fortemente regida, quanto ao funcionamento da linguagem, pela projeção do princípio de equivalência do plano da seleção das palavras para o plano de sua sequência na frase [...] e tem por finalidade a transmissão indireta, por meio de estímulos não puramente intelectuais, de um conhecimento especial acerca de aspectos da existência considerados de interesse permanente para a humanidade (MERQUIOR, 1972, p. 27).

A mesma concepção de poesia adotada por Merquior no capítulo citado, a possibilidade de transmitir através da linguagem as indagações e conflitos inerentes ao ser humano, encontra-se em Philippe Lejeune, quando este cria uma possível hipótese sobre empatia entre leitor e poesia, explicando que os poemas

são a justa expressão de um sentimento que em nós procurava suas palavras e sua música próprias. Por isso os adotamos, reconhecemo-nos neles. E aquelas palavras que servem tão bem de roupagem a nossa experiência, supomos que vêm diretamente do coração do poeta. Há o prazer da emoção compartilhada [...] (LEJEUNE, 2008, p.94).

Essa empatia, essa relação estreita entre eu-lírico e leitor é causada pelo encontro de seus sentimentos, pelo encontro de suas almas que vivem conflitos semelhantes, que sentem a dor da perda, das transformações constantes do mundo, da efemeridade da vida e dos momentos; por isso suas vozes se encontram e se completam.

## Referências

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Obra Completa*. Nova Aguilar, 2001.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. *Estudos Históricos*. Centro de pesquisa e documentação de história contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro: 1998.

BERMAN, Marshall. Modernidade ontem, hoje e amanhã. In: BERMAN, Marshall *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. Tradução Carlos Felipe Moisés, Ana Maria L. Ioriatti – São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

LEJEUNE, Philippe. Noronha, Jovita Maria Gerheim (org). Autobiografia e Poesia. In: LEJEUNE, Philippe. Noronha, Jovita Maria Gerheim (org). *O pacto autobiográfico. De Rousseau à Internet*. Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

MEIRELES, Cecília. *Melhores poemas de Cecília Meireles*. SP: Global, 1999. 11 ed.

MEIRELES, Cecília. Poesia completa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1994.

MERQUIOR, José Guilherme. Natureza da lírica. In: MERQUIOR, José Guilherme *A Astúcia da Mímese*. Rio de Janeiro, 1972.

SANTIAGO, Silviano. *Carlos Drummond de Andrade*. Petrópolis: Vozes, 1976.

Recebido em: 02/06/2010

Aceito em: 21/08/2010

Contato: danijf@pop.com.br

**Letrônica**, Porto Alegre v.3, n.1, p.279, jul. 2010.